



DIÁRIO DE LISBOA – 21 de Fevereiro de 1980

### Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

## “Histórias selvagens” Um filme a ver (se possível)



«Histórias selvagens»: ainda um filme português por estrear

Há cineastas que permanecem ignorados até que um dia a surpresa chegue: António Campos é um exemplo. Filmando os camponeses com uma modéstia de quase amador e uma verticalidade de quem neles se sente reflectido, Campos tem vindo a fazer, desigualmente embora, o único cinema que defronta, com uma certa continuidade, a realidade camponesa em Portugal.

Entendamo-nos: os méritos de *Trás-os-Montes* ou de *Veredas* estão mais na transfiguração de uma realidade que na proximidade que a câmara dela nos dá. São filmes excepcionais onde porém o universo camponês é filtrado por olhos de poeta. Dir-me-ão que o cinema é isso mesmo (Welles dixit) e é bem verdade. Mas não é toda a verdade.

Há um outro olhar possível e desejável, um olhar talvez menos hábil e, por certo, menos evidentemente belo; um olhar que esteja quase no lugar de que fala (no limite, serão dois lugares indissociáveis: o camponês filmará a sua própria ficção), um olhar chão e despido de mitos, com a rudeza e a própria indecisão de quem caminha por terrenos pouco palmilhados.

*Histórias selvagens*, uma das longas-metragens portu-

guesas que permanece por estrear comercialmente (e que só tem sido vista quando algum elo de um circuito marginal em vias de se inventar – a Comuna, por exemplo – resolve fazê-la sair do anonimato), é um filme desses: traça os sinais de uma realidade dura e feia, guardando a atenção etnográfica mas sabendo testemunhar uma situação humana. Sem mitos, sem lágrimas, de frente.

Para mais, *Histórias selvagens* faz-se num registo que nada tem de *naif*: António Campos não está para o cinema como os *ex-votos* para a pintura. A sua sabedoria não é, porém, explícita, não se exhibe, antes enforma toda a estrutura do filme, neste caso arrojando-se a não cronologizar a narrativa, mantendo-se num tempo que, apesar de figurar tempos diferentes, se reduz a um presente fil-

mico (e social?) onde a mudança é estreita, se é que a há; sabedoria perceptível, também, no modo hábil como Campos imbrinca várias ficções num mesmo corpo, como as resolve filmicamente.

Claro que *Histórias selvagens* não é um filme perfeito. Tem mesmo deficiências a apontar como a fotografia que Acácio de Almeida parece ter descurado (face a outros trabalhos seus é possível afirmar que não por inépcia mas por incúria), ou o

trabalho de alguns actores (embora o nível médio seja bem razoável), ou ainda certas faltas de rigor (como a intrusão do discurso urbano da poesia de José Gomes Ferreira). Porém, as qualidades que revela e sobretudo a singularidade que ele é no interior do cinema português, bem merecem atenção e esforço para que possa encontrar o grande público. O que é que tem feito o IPC (que o produziu) nesse sentido?

J.L.R.